

Recepção de telenovelas: identidade e representação da homossexualidade. Um estudo de caso da novela “Mulheres Apaixonadas”.

Soap-operas: identity and homosexuality representations: A case study of “Mulheres Apaixonadas”

Joseana B. Tonon

Mestre em Comunicação Midiática, pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus Bauru (2005). Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas, pela Universidade Estadual de Londrina (2002).

E-mail: jotonon@terra.com.br

Resumo

Para uma parcela considerável da população brasileira, a telenovela é vista como um dos principais produtos da televisão nacional e, portanto, da cultura popular e de massa, especificamente, se falarmos das telenovelas produzidas pela Rede Globo de Televisão, que possui *know-how* em qualidade e padrão para realizar produções como essas, considerando a teledramaturgia o carro-chefe dessa emissora. Nesse sentido, este artigo se propõe a compreender quais as implicações das representações de identidades ficcionais para os receptores, especificamente se falarmos sobre representações de identidades minoritárias, tais como a homossexualidade feminina, enfatizando o romance lésbico vivido pelas personagens Clara (Alinne Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli) na novela “Mulheres Apaixonadas” (Manoel Carlos, TV Globo, 2003). Os referenciais teóricos que fundamentam este trabalho são os Estudos Culturais, sob o enfoque de Stuart Hall quanto ao entendimento da identidade, além das contribuições de Michel Foucault quanto à melhor compreensão do dispositivo disciplinar da sexualidade na constituição das identidades e das subjetividades

Palavras-chave: Telenovela, recepção, identidade.

Identidade e Representação da Realidade: a perspectiva dos Estudos Culturais, sob o enfoque de Stuart Hall

Sob a perspectiva dos Estudos Culturais, torna-se necessário compreender o que é a cultura e sua relação com a comunicação, pois é por meio dela que os indivíduos se relacionam e interagem em meio ao cotidiano das experiências vividas nas relações sociais. De acordo com esse referencial teórico, os produtos culturais são agentes da reprodução e transformação social e possuem natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da hegemonia, a qual se caracteriza, de acordo com Gramsci, pela luta de classes em torno da cultura: ora resistindo, ora subordinando-se, num campo de

batalha de lutas permanentes, sem vitórias definitivas, mas com espaço concedido entre as formas hegemônicas de dominação e as formas contra-hegemônicas de resistência.

Portanto, a cultura se torna ambiente instável, constituindo-se num elemento estratégico nas relações de poder e hegemonia e, assim sendo, a dominação nunca é total e é ameaçada pelas formas contra-hegemônicas das culturas dominadas. Os mecanismos de dominação são unívocos, ou seja, não há uma simples incorporação e assimilação desses mecanismos, mas não é possível viver independente deles.

Inserida nesse contexto, a comunicação não é apenas um

instrumento, mas uma questão de cultura, na qual as relações de poder são disputadas hegemonicamente, caracterizando, assim, “o próprio princípio da evolução de qualquer sistema cultural” (CUCHE, 1999, p.137), no qual o papel da comunicação é estratégico, pois nesse espaço se articulam as esferas de produção e consumo e, portanto, as relações de dominação e resistência exercidas pelos interesses hegemônicos e contra-hegemônicos, revelados nos movimentos de incorporação, distorção, negociação ou recuperação dos sentidos e significados culturais, revelados pelos sujeitos em suas práticas sociais cotidianas.

Para Hall (2001), a identidade adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos e se constitui por formas discursivas de produção de significações, a partir de representações que dão sentido às práticas linguísticas, à concepção de vida e às práticas sociais e culturais cotidianas, ou seja, à realidade. Assim, o processo de recepção é um fazer ativo para as coisas significarem a partir de seus próprios referenciais cotidianos reais, materializados pelas reações, comportamentos, posicionamentos e discursos do receptor.

Diante do posicionamento ativo do sujeito receptor, “a comunicação, inserida nos contextos de mudanças das estruturas sociais e culturais, começou a ser percebida como um processo de troca social, entendida não só com relação aos meios” (MALCHER, 2001, p. 48), mas também com relação à formação das culturas que ocorrem num ambiente de constantes transformações sociais e culturais, tais como os efeitos da globalização na constituição de multiculturalidades, na emergência de novas posturas identitárias e, conseqüentemente, em políticas de



afirmação dessas diferenças, inserindo a identidade como um elemento estratégico nas relações de poder e da subjetividade.

Logo, Hall (2001, p. 33) entende que a identidade “tornou-se politizada, constituindo-se na mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença”. A cultura não é apenas uma questão de classe, reprodução, estruturas ou ideologia, vai além e torna-se uma questão de práticas, produção, relações de poder e hegemonia. A dominação nunca é total. Há possibilidades de manifestação de resistência e de transformação do sistema pela cultura dominada, e, portanto, a cultura constitui-se em um processo em formação, construindo e reconstruindo suas formas incessantemente, incluindo aí a afirmação das diferenças.

Os meios de comunicação de massa sustentam e reproduzem a estabilidade social e cultural, mas não de forma mecânica, senão adaptando-se continuamente às pressões e às contradições que emergem da sociedade, e englobando-as e

integrando-as ao próprio sistema cultural, ou ainda, transformando-as mediante a interação dependente e articulada entre as posições hegemônicas e contra-hegemônicas, num processo dinâmico, fluído e indeterminado, assim como a identidade e a cultura, fazendo com que o sistema cultural evolua em função de demandas sociais, culturais, econômicas, históricas e políticas, desenvolvidas nas relações sociais e culturais pelos indivíduos em sociedade.

Em alguns momentos, as representações do real são transformadas pela resistência do público em aceitá-las como legítimas, instaurando as relações de poder na disputa pela manutenção hegemônica das formas de dominação, pois o significado desses conteúdos simbólicos extraídos pelos sujeitos é multifacetado, multirreferencial e polissêmico, variando de acordo com o referencial cultural, social e identitário que cada indivíduo estabelece na teia de relações sociais e culturais de suas práticas cotidianas.

O cotidiano é o contexto das formações discursivas de produção de sentidos e significados que são atribuídos às identidades. No entanto, cada contexto é específico e impõe suas regras e convenções, configurando uma instabilidade e uma multiplicidade de identidades que sobredeterminam umas em detrimento de outras. Segundo Cuche (1999, p.150), a cultura popular e sua relação com as formas de poder e política pode ser traduzida “como um conjunto de ‘maneiras de viver com’ esta dominação”, incorporando, reproduzindo ou transformando suas formas.

Hall (1985, p. 42 apud ALMEIDA, 2001, p. 19) destaca que “as categorias simbólicas usadas na mídia não são apenas criadas pelos

produtores, mas são signos e símbolos que fazem sentido porque são compartilhados em alguma medida pelas audiências”; ou seja, possuem elementos que são compartilhados pelo público e, por esse motivo, fazem sentido a ele, correspondendo, assim, à sua realidade. As forças hegemônicas criam consensos e forjam o consentimento e a cumplicidade dos telespectadores, por meio de elementos reconhecíveis para legitimar essas representações, servindo de forma conveniente aos interesses hegemônicos, comuns tanto para produtores quanto para a audiência.

Nesse campo simbólico, os meios de comunicação definem, e não apenas reproduzem a realidade, oferecem um novo significado para um contexto, uma situação ou, até mesmo, para uma pessoa por meio de representações do real, versões que fornecem sentidos à realidade ao fazerem-nas significarem, diferentemente daquele existente e em correspondência aos interesses hegemônicos e que são, geralmente, elaborados com o consentimento do público, ressignificando-as de forma correspondente.

O Dispositivo da Sexualidade e Política das Diferenças: Diálogos entre Foucault e Hall

Os meios de comunicação, com seus produtos culturais, ao fornecer modelos, imagens e identidades, modela a visão de mundo e os valores simbólicos (e não reais) que os indivíduos possuem em relação a si mesmos e em relação aos demais, constituindo noções de identificação e diferenciação, por intermédio dos sentidos de classe, raça, gênero, sexo, sexualidade, etnia, forjando identidades e construindo uma cultura comum para a maioria das pessoas, possibilitando a autonomia

relativa da produção da cultura popular.

No processo de constituição da identidade, alguns elementos são rejeitados, e, assim, o que fica de fora serve para auto-afirmar o que insere, ou seja, a identidade constitui-se na diferença, sobredeterminando e hierarquizando umas sobre as outras, legitimando as hegemônicas e estigmatizando as minoritárias, fornecendo sentidos de referência e identificação, em detrimento de sentidos de distinção e diferenciação pelos quais são representados (quem representa tem o poder de definir), além, também, da repetição de enunciados lingüísticos que reforçam estigmas.

No entanto, Foucault (apud FISCHER, 1999) sugere que os dispositivos disciplinares regulam a conduta do indivíduo por meio de discursos que o sujeitam e que implicam na constituição de sua identidade e subjetividade, e seu objetivo é tratar o ser humano como um corpo dócil. As instituições de poder, tais como a família, a religião e o trabalho, formam práticas discursivas que se constituem em micropoderes que recaem sobre os sujeitos, por meio de dispositivos de regulação de conduta, aos quais esses sujeitos recorrem ao constituir suas identidades. O objetivo do “poder disciplinar” foucaultiano consiste em manter as vidas, as atividades, o trabalho, as infelicidades e os prazeres do indivíduo, assim como sua saúde física e moral, suas práticas sexuais e sua vida familiar, sob estrito controle e disciplina, com base no poder dos regimes administrativos, do conhecimento especializado dos profissionais e no conhecimento fornecido pelas Ciências Sociais, elucidando, então, o aparato discursivo sobre o dispositivo da sexualidade na constituição da homossexualidade,

ao prescrever um esquema conjugal entre homem e mulher destinado à procriação.

Assim, as práticas sexuais são controladas pelo discurso e levam o homem à análise de si mesmo, prescrevendo relações de poder não como um sistema unitário, mas como relações de domínio do outro sobre o outro. Diante disso, Louro (2001, p. 547) comenta que o dispositivo da sexualidade pode ser considerado “um discurso produzido a partir do lugar que tinha sido apontado como a sede da perversidade, como lugar do desvio e da patologia: a homossexualidade” e, em acordo com esse dispositivo, a heterossexualidade foi definida como norma, como comportamento sexual padrão: normal, moral e natural, sendo a homossexualidade necessária para reafirmar a orientação sexual normatizada nas práticas discursivas, ou seja, a heterossexualidade, em detrimento da homossexualidade estigmatizada pela sociedade, entendida como identidade “desviante”. De acordo com MacRae (2005 apud GREEN, 2005, p. 307), isso ocorre de duas formas: “a) fornece um limite preciso entre o comportamento permissível e o não-permissível; b) leva a uma segregação daqueles que são rotulados de “desviantes” dos outros membros da sociedade, e, dessa forma, contém e limita os seus padrões comportamentais”. Assim, o sexo vem acompanhado de uma moral, que o guia para a verdade.

As identidades minoritárias fazem de suas diferenças armas políticas para contestar formas discursivas de significações e representações estigmatizadas que atribuem sentido às categorias (sexo) e aos sistemas de identificação e diferenciação (sexualidade), que normalizam a heterossexualidade como orientação sexual legítima,

buscando redefinir essas formas e representações pelas quais a sociedade os vê, em função de uma identidade naturalizada.

Nessa perspectiva, 'o outro' não é elemento marginalizado, mas necessário para constituir a identidade do 'eu', ou seja, não alheia e ainda indispensável para a afirmação da existência dos sujeitos, demonstrando, de acordo com Louro (2001, p. 551), "o quanto é necessária a constante reiteração das normas sociais regulatórias, a fim de garantir a identidade sexual legitimada".

O conceito de *différance*, proposto por Jacques Derrida (apud HALL, 2001, p. 37), sugere que os significados são fluidos, por conta da transformação de posições históricas e culturais específicas de um grupo, um indivíduo, um contexto e de um referencial histórico e simbólico. O conceito de *différance* pode, ainda, ser compreendido de acordo com as posições de identidade que os indivíduos assumem, no interior das relações sociais, nas interações com a sociedade, e, então, as identidades minoritárias estão conquistando brechas nas relações de poder para emergir e se assumir, tais como a homossexualidade.

A afirmação da identidade depende da repressão daquilo que lhe é exterior e, que, portanto, ameaça, desestabiliza. Laclau (1990 apud HALL, apud SILVA, 2000, p. 110) afirma que "a constituição de uma identidade social é um ato de poder", construindo e demarcando as fronteiras do espaço entre a identidade e a diferença, mas sempre considerando a diferença como aquilo que lhe falta para a sua afirmação (ao negar a diferença, afirma-se), e, assim como a identidade, a identificação é uma prática lingüística, de significação, processo inacabado e, embora

sustentada pelos elementos materiais e simbólicos, é também uma fantasia de incorporação (por meio de representações), mas não é totalizante. O sujeito assume posições com as quais se identifica (inconscientemente) e que também produzirá significados psíquicos e subjetivos e construirá sua identidade.

Assim, as práticas cotidianas do sujeito darão significados às práticas lingüísticas e às formas discursivas. Há mais que discursos, por isso, o sujeito não é um corpo dócil, ele oferece resistências. Se o discurso reproduz, as práticas podem resistir e, embora haja um falso reconhecimento, o corpo ainda funciona como um significante das subjetividades no indivíduo e há possibilidades de expressar resistências diante das posições-de-sujeito, questionamento de novas posturas identitárias, exteriorização da diferença.

A visibilidade conquistada pelos homossexuais nas Paradas Gays, nas novelas e na mídia reflete a negação de uma única identidade sexual, auxilia a exteriorização da diferença e contribui para a afirmação das identidades minoritárias como orientação sexual legítima, e não como algo externo, abjeto, desviante, construindo novos sistemas de representação ao questionar as posturas identitárias privilegiadas hegemonicamente, ao longo dos anos, em função da política das diferenças.

A identidade está em jogo nas lutas culturais, e as relações de poder definem os sistemas de classificação de identidade e estabelecem a diferenciação entre os grupos minoritários marginalizados, atribuindo-lhes representação em forma de rótulos, categorias, classificações, caricaturas, repetição de enunciados e estereótipos que os diferenciam dos demais. É por meio

dessas representações que os indivíduos vêem o mundo e se vêem, identificando-se ou diferenciando-se e, sob essa perspectiva, os meios de comunicação e as telenovelas tanto podem reiterar formas de dominação, mediante discursos, modelos e imagens, quanto também podem promover a resistência a esses modelos, por meio de outros formatos ou propostas de discursos e representações, em direção aos interesses de grupos minoritários, e, se não alteram totalmente, contribuem para enfraquecer, ao menos, as representações caricaturais ou estereotipadas que levam à ridicularização de identidades estigmatizadas, ao proporem universos de representação das novas identidades com seriedade.

A Telenovela como Experiência Cultural

A telenovela originou-se das narrativas do romance folhetim publicado em jornais franceses, que utilizavam estratégias para despertar o interesse do leitor e sensibilizá-lo a acompanhar os capítulos subsequentes, publicados nas edições seguintes. Logo, as radionovelas incorporaram essa estrutura narrativa e, então, as telenovelas se renderam a essa forma seriada de contar histórias e se constituem, atualmente, em um gênero televisivo híbrido, que mescla elementos de produção tradicionais, como a estrutura narrativa do melodrama, e inovações técnicas e tecnológicas, conferindo narrativas realistas, que correspondem, por meio da verossimilhança, à demanda de assuntos sobre a realidade do telespectador.

Esses aspectos se aplicam à teledramaturgia brasileira e, especificamente, às produções ficcionais da Rede Globo de Televisão, cujas telenovelas se



consolidaram como padrão de produção mundialmente reconhecido e tornaram-se um hábito nacional culturalmente consumido pelos telespectadores brasileiros, pois “perceberam que fazem parte de todo um universo de significações, gostos, valores e do cotidiano das pessoas” (LEAL, 1986, p. 25), aliado a uma fórmula economicamente rentável e viável.

Inserida nesse contexto, a telenovela é vista como experiência cultural estratégica, pois atinge as mais variadas etnias, crenças e classes sociais do País, abrangendo-as em torno de um bem cultural nacionalmente consumido e compartilhado pelos brasileiros que, por meio dela, se informam, se divertem e se identificam com as temáticas e as personagens em cena, as quais produzem e definem a realidade, a partir das representações ficcionais.

Logo, a recepção de conteúdos simbólicos passa a ser entendida não somente como um momento, mas também como um processo que interpela a vida do telespectador em variadas dimensões, pois, ao detectar os significados que os receptores

elaboram a partir da recepção das telenovelas, verifica-se que eles negociam o conteúdo simbólico com suas vivências particulares, implicando na singularidade dos modos de ver de cada indivíduo, e articulam as representações ficcionais com as representações que atribuem às diversas identidades e também com a forma como se vêm representados.

Os produtos culturais e as categorias simbólicas usadas na telenovela, por exemplo, não são criações autônomas, elaboradas independentemente da aceitação do público. Esses elementos são compartilhados pela audiência e, por esse motivo, fazem sentido ao receptor. Ao produzirem as histórias da ficção, os autores de telenovelas recortam da realidade histórias verossímeis ao cotidiano de segmentos da sociedade, gerando polêmicas, favorecendo debates e estimulando a curiosidade do público em acompanhar as novelas e ativar os índices de audiência, correspondendo, nesse sentido, às lógicas comerciais das emissoras inseridas na indústria cultural. De outro lado, os telespectadores articulam as representações da ficção com as suas próprias, legitimando ou rejeitando-as, interferindo, assim, nos índices da audiência mensurados.

As construções narrativas de uma telenovela são formas que o autor utiliza para representar uma determinada história, personagem ou temática, de acordo com o modo como percebe a realidade e com as quais o telespectador interage, aceitando-as, apropriando-as, mesmo que temporariamente, ou ainda, rejeitando-as, provocando alterações no rumo da trama, já que a novela é uma história em aberto, em processo de produção pelo autor e de co-produção pela audiência. A história de uma novela é escrita paralelamente ao período de sua

exibição, facilitando sua adaptação, em detrimento daquilo que a audiência espera ver e que corresponda à sua realidade. De acordo com Lopes (2004, p. 126),

As identidades coletivas são sistemas de reconhecimento e diferenciação simbólicos das classes e dos grupos sociais e a comunicação emerge como espaço-chave na construção/reconstrução dessas identidades. Por outro lado, a relação conflitiva e enriquecedora com os “outros” permite elaborar estratégias de resistência ao que de dominação disfarçada existe na idéia de desenvolvimento e modernização.

A telenovela apresenta um repertório de representações identitárias, compartilhado entre produtores e receptores, uma agenda de temas comuns considerados importantes para todas as famílias. Sua importância cultural reside no fato de tornar-se espaço de consumo e intervenção cultural, de circulação de sentidos e mensagens, pertencente a um universo de significação, intervenção, discussão e introdução de hábitos e valores, representação de identidades e diferenças, indo ao encontro de demandas e convenções sociais hegemônicas, como também contribui para mudanças sociais ao aprofundar questionamentos, mais do que uma simples reprodução do sistema. A novela constrói a imagem que os brasileiros possuem de si próprios e com a qual se reconhecem, podendo servir de referência para refletir sobre diferentes esferas da vida ao estabelecer uma relação de cumplicidade com os personagens e a trama e abrir um espaço para o autoconhecimento, no qual estimula a projeção dos receptores em determinados personagens com os quais se identificam.

A Representação da Homossexualidade nas Telenovelas

A representação de identidades e de assuntos polêmicos nas telenovelas desperta a atenção da audiência, estratégia que evidencia a proposta de uma representação diferenciada de temáticas e identidades e que também corresponde às lógicas comerciais da emissora, pois a “mera valorização da ‘diferença’ como marca de contestação pode simplesmente ajudar a vender novos estilos e produtos [...] também pode promover uma forma de política de identidade” (KELLNER, 2001, p. 61), oferecendo visibilidade e constituindo, assim, outros sistemas de classificação das identidades, dos modelos e dos comportamentos.

Ao representar as identidades homossexuais na ficção, as telenovelas podem reforçar identidades estigmatizadas, em detrimento das identidades hegemônicas, ou propor universos de representação das novas identidades, sem atribuir-lhes estereótipos, evitando a ridicularização e a caricatura dessa identidade, oferecendo novos modelos de identificação, embora isso somente será verdadeiro se a audiência estiver disposta a dar visibilidade ao assunto e aceitar esse formato de representação. Afinal, as produções televisivas, nesse caso, necessitam da legitimação da audiência para que os índices correspondam às exigências comerciais das emissoras.

A representação da identidade homossexual na mídia, especificamente nas telenovelas brasileiras, percorreu uma trajetória de mais de trinta anos na história da teledramaturgia nacional, e algumas representações de casais homossexuais em telenovelas enfrentaram manifestações de preconceitos mais intensas. Tomemos, por exemplo, o casal gay vivido pelos personagens Sandro e

Jefferson na telenovela “A Próxima Vítima”. Sandro (André Gonçalves) foi agredido por telespectadores nas ruas de São Paulo. Além do casal lésbico vivido por Christiane Torloni e Sílvia Pfifer na telenovela “Torre de Babel”, que teve de ser retirado do ar devido à forte rejeição dos telespectadores.

Ao longo dessa trajetória, chegue-se à representação nas novelas contemporâneas da Rede Globo, tais como “Mulheres Apaixonadas” (2003, Manoel Carlos) e “Senhora do Destino” (2004, Aguinaldo Silva). Observando as implicações que o núcleo de representação da identidade homossexual feminina encenado na novela “Mulheres Apaixonadas” (Manoel Carlos, Rede Globo, 2003) despertou nos telespectadores, constata-se a receptividade do romance homossexual vivido entre as personagens Clara (Aline Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli) na trama pela audiência.

Com a finalidade de observar essas implicações, foi analisado um conjunto de elementos que possibilitou a compreensão do posicionamento da mídia e do ineditismo da novela em representar o romance lésbico com a aprovação de uma parcela considerável da audiência de “Mulheres Apaixonadas”. Entre os elementos estavam a perspectiva da identidade autoral de Manoel Carlos, autor da referida novela, a composição narrativa das tramas principal e paralelas, incluindo aí, o núcleo da homossexualidade feminina, e ressaltando cenários, figurinos, ambientação das imagens, que possibilitaram uma nova representação do tema, de forma a favorecer a aceitação e a legitimação pelos receptores diante desse novo formato proposto sobre a representação da homossexualidade nas telenovelas, redefinindo as

representações de identidades marginalizadas, em detrimento de estereótipos atribuídos às diferenças pelas identidades hegemônicas que forjam representações de identidades pelas quais os indivíduos as vêem.

Sob essa perspectiva de análise, percebeu-se que o núcleo de homossexualidade encenada em “Mulheres Apaixonadas” conquistou a legitimidade da audiência, que se identificou com as personagens: jovens, bonitas, educadas, inteligentes, além do romance sutil, cauteloso e fiel vivido entre as adolescentes Clara e Rafaela, reforçado pelo comedimento das cenas de carícias e intimidades trocadas entre elas, pela naturalidade com que o relacionamento era visto pelos amigos e na escola onde estudavam, em contraponto aos discursos de preconceito e atitudes de discriminação atribuídas às personagens de Clara e Rafaela por Paulinha e Margareth, que reproduziam, na ficção, as manifestações hostis às identidades sexuais estigmatizadas.

Passados 160 capítulos, somente no mês de julho (a novela estava em exibição desde o mês de fevereiro de 2003), após verificar a aceitação do público, o autor, finalmente, aumentou o espaço desse núcleo na novela e as homossexuais Clara e Rafaela assumiram o romance para os telespectadores. Diante dos resultados da pesquisa, comentado anteriormente, o romance homossexual decolou. Dados da Folha On Line (2003) indicaram que 61,6% dos entrevistados afirmaram que as garotas deveriam assumir o relacionamento homossexual, desde que o autor soubesse manter o equilíbrio entre “os limites” da ousadia, que atrai, em contraponto, o exagero que afasta o telespectador ao abordar temas “espinhosos” como a homossexualidade, que ainda

representa um assunto *tabu* para determinados segmentos da sociedade. A troca de beijos entre Clara e Rafaela estava proibida pela audiência, porém, embora houvesse tolerância da sociedade em ver a homossexualidade encenada nas novelas e flexibilidade em aceitar a homossexualidade como uma orientação sexual natural, o preconceito ainda é latente em setores tradicionais da sociedade brasileira.

Logo, o autor construiu um relacionamento em “doses homeopáticas” de demonstração de afetividade e intimidade trocada entre as adolescentes, dosando na ousadia para comover setores mais conservadores da sociedade e para proporcionar o envolvimento dos telespectadores na torcida pelo final feliz do casal, baseando o romance das adolescentes na amizade, na delicadeza e no respeito à representação da orientação sexual homossexual. O autor (CABRA, 2003) esclareceu que a homossexualidade representada em “Mulheres Apaixonadas”

não foi uma abordagem explícita, foi uma relação entre duas adolescentes que se sentem atraídas e que se descobrem encantadas uma pela outra. Uma pesquisa apontou que esses casos são comuns em escolas e academias, estou conduzindo o tema com delicadeza e responsabilidade.

A telenovela “Mulheres Apaixonadas” pôde fornecer elementos para o debate em torno da homossexualidade e promover o enfraquecimento ou transformação do entendimento da identidade heterossexual hegemônica. O assunto ganhou as ruas, foi debatido no cotidiano das famílias brasileiras, pautado pela mídia, tendo cobertura relevante de jornais e revistas de

circulação nacional, como a revista *Veja*, convertendo-se num fator adicional de educação e de quebra de preconceitos.

Dessa forma, a ampla discussão sobre a homossexualidade na sociedade durante o período de exibição de “Mulheres Apaixonadas” (2003) foi estimulada pela novela, que soube colocar o assunto na pauta diária do brasileiro, oferecendo oportunidade de esclarecimentos, prestando informações e gerando debates e polêmicas sobre o assunto, caminhando em sentido à mudança, possibilitando-a ao oferecer visibilidade às “novas identidades”, propiciando, por meio do consumo cultural de telenovelas e do agendamento do tema pela mídia, uma forma do público e da sociedade participarem de um fórum de debates.

O núcleo de representação da homossexualidade conquistou visibilidade na mídia, status maior ao longo da exibição da novela e promoveu o debate sobre a homossexualidade pela sociedade, constituindo um marco na teledramaturgia ao garantir a simpatia e a aceitação do público pelas personagens e seu relacionamento amoroso.

Considerações Finais

Torna-se importante ressaltar que o processo de construção da identidade não é rígido. Ao contrário, está sujeito às variações, reformulações e manipulações da experiência cotidiana e do próprio processo de formação e transformação das práticas sociais e culturais vivenciadas pelos atores sociais. Embora a telenovela possa elaborar um discurso moderno e “politicamente correto” às novas posturas identitárias, outros programas ou instituições da sociedade atribuem sentidos e

significados às identidades marginalizadas, que as estigmatizam ou ridicularizam, e a audiência estará diante de uma multiplicidade de representações, com as quais poderá se identificar e legitimar ou rejeitar. Lima e Silva (2003) comentam que:

As representações são formadas quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando as pessoas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades. Por isso é importante que os indivíduos entendam e encontrem o seu lugar na sociedade através de uma identidade social.

A homossexualidade representada em “Mulheres Apaixonadas” abordou a identidade e a orientação sexual a ser seguida por duas jovens lésbicas com naturalidade, e a representação encenada nesse núcleo foi legitimada por uma parcela considerável da audiência, contribuindo para possibilitar a reflexão em torno das identidades sexuais plurais, tais como a homossexualidade feminina. O fato é que a questão da homossexualidade tem recebido destaque nas produções das telenovelas brasileiras e o que antes era visto como assunto *tabu*, hoje pode ser discutido no horário nobre da televisão com menos resistência, indicando tolerância da audiência diante da homossexualidade, ao, pelo menos, vê-la representada com naturalidade na novela “Mulheres Apaixonadas”.

Brittos (2003) comenta que “as novelas se tornam fator relevante para o entendimento da mudança ou permanência dos valores sociais e crenças na sociedade brasileira com função de reprodução do sistema ou mudança social”. Assim, os meios de comunicação de massa fornecem

representações de identidades, fazendo com que o sistema sociocultural evolua em função das novas demandas sociais e culturais que podem gerar mudanças como resultado das interações sociais e culturais entre os membros da sociedade inseridos nas relações de poder, entre formas dominantes de representação e de reprodução social ou de transformação das representações hegemônicas, tal como a orientação sexual plural.

Em complemento, a telenovela se constitui, ainda, como gênero híbrido ao articular discursos modernos e conservadores de segmentos da sociedade. “A televisão é um meio estratégico de modernização da sociedade, articulando as formas variadas de integração e conflito com as lógicas sociais que resultam processos culturais e comunicativos marcados pela hibridização” (LOPES, BORELLI e RESENDE, 2003, p. 20) e diante dos quais favorece a incorporação, apropriação, adaptação de novas demandas sociais e culturais, por exemplo, as identidades homossexuais, e, embora a conscientização seja um processo lento, a telenovela contribui para que a cultura esteja em constante movimento de produção, reprodução e transformação, assim como sugere o modelo teórico proposto pelos Estudos Culturais

Abstract

The soap opera is seen by the most part of the Brazilian population as one of the main products of the National television, specifically if we talk about soap operas made by Rede Globo de Televisão which owns the *know-how* to accomplish such productions. The present article concerns about understand in which means fictional identities representations are articulated by the receptors during the reception process taking up a case study about women homosexuality representation played in

Mulheres Apaixonadas soap opera (Manoel Carlos, TV Globo, 2003) as research method. Supporting theoretical references are Stuart Hall on identity comprehension and Michel Foucault's contributions on sexuality disciplinary appliance properly comprehension concerning both identities and subjectivities.

Keywords: Soap opera, reception, identity.

Referência

- ABRAMO, Bia. Manoel Carlos consagra novela-crônica. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br>> Acesso em 05 de outubro de 2003.
- ALMEIDA, Heloisa Buarque. *Muitas coisas*: telenovela, consumo e gênero. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- ANDRADE, Roberta Manuela Barros de. *O fascínio de Scherazade: os usos sociais da telenovela*. São Paulo: Annablume, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRITTOS, Valério Cruz. *Comunicação e cultura: o processo de recepção*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 22 de julho de 2003.
- CABRA, Kiko. Perfil: Manoel Carlos. A vida como ela é. Disponível em: <<http://www.revistaepoca.globo.com>> Acesso em: 27 de maio de 2005.
- CARLOS, Manuel. *Escrevo sobre o que conheço*. **Veja**, São Paulo, n. 1810, p. 75 - 77, 9 jul. 2003. Entrevista concedida a Sílvia Rogar.
- CUCHE, Denys. *Anoção de cultura nas ciências sociais*. Bauri: EDUSC, 1999.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luis; FRANÇA, Vera Veiga (orgs). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. p. 151-154.
- _____. *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e o desejável conhecimento do sujeito. In: **Educação & Realidade**, v.24, n 1, 1999, p. 39-59.
- FOLGOLARI, Élide Maria. *Fazenda esperança*: estudo sobre as mediações culturais e a recepção da telenovela Terra Nostra. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Escola de Comunicação e Artes

– Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade*.
Volume 1: a vontade de saber. 11. ed. Rio de
Janeiro: Graal, 1993.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é
homossexualidade*. 7. ed. São Paulo:
Brasiliense, 1991.

GREEN, James; Trindade, Ronaldo; Silva, José
Fábio Barbosa; et all. *Homossexualismo em São
Paulo e outros escritos*. São Paulo:
UNESP, 2005.

HALL, Stuart (org.). *Da diáspora: identidades
e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG,
2003.

_____. *Identidade cultural na pós-
modernidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A,
2001.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luis; FRANÇA,
Vera Veiga (orgs). *Teorias da comunicação:
conceitos, escolas e tendências*. Rio de Janeiro:
Vozes, 2001.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: estudos
culturais: identidade e política entre o moderno
e o pós-moderno*, USC Bauru: São Paulo,
2001.

LEAL, Ondina Fachel. *Leitura social da novela
das oito*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

LIMA, Claudia Albuquerque de; SILVA,
Nerivanha Maria Bezerra. *Representações em
imagens equivalentes*. Disponível em: <[http://
www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)>. Acesso em: 22 de julho de
2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo, BORELLI,
Sílvia Helena Simões, RESENDE, Vera da Rocha.
*Vivendo com a telenovela: mediações,
recepção teleficcionalidade*. São Paulo:
Summus, 2002.

LOPES, Maria Immacolata V. (org.). *Telenovela:
internacionalização e interculturalidade*. São
Paulo: Loyola, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Teoria Queer: uma
política pós-identitária para a educação*.
Revista Estudos Feministas, ano 9, 2º
semestre, 2001. Disponível em <[http://
www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. Acesso em 22 de maio de
2005

MALCHER, Maria Ataíde. *A legitimação da
telenovela e o gerenciamento de sua memória:
o núcleo de pesquisa de telenovela da ECA-
USP*. Dissertação (Mestrado em Ciências da
Comunicação). Escola de Comunicação e Artes
– Universidade São Paulo, São Paulo, 2001.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às
mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto



Alegre: Mercado Aberto, 1987

MOTTER, Maria Lourdes. *A construção do
cotidiano na telenovela*. São Paulo: Alexa
Cultural, 2003.

ORTIZ, Renato; BORELLI, Sílvia; RAMOS, José
Mario Ortiz. *A telenovela: história e produção*.
São Paulo: Brasiliense, 1991.

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o bloco histórico*.
Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SILVA, Tomás Tadeu da (org). *Identidade e
diferença: a perspectiva dos estudos culturais*.
4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SOUZA, Mauro Wilton de. *Sujeito, o lado oculto
do receptor*. São Paulo: Brasiliense/ECA-USP,
1995.

VALLADARES, Ricardo. *Mulheres apaixonadas
e apaixonantes*. **Veja**, São Paulo, n. 1810, p.
68 – 74, 9 jul. 2003.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa:
Presença, 1995.

Data do recebimento: 22/02/2006

Data do aceite: 28/04/2006